

Apresentação

Maurício Dias

Este livro escrito por Roberto Saturnino Braga, o itinerário de uma carreira política vitoriosa, cai como uma luva neste momento, nos quinze primeiros anos do século XXI, em que a sociedade brasileira aplaude o ímpeto da Operação Lava Jato, iniciativa disposta a acabar com a corrupção no país sob a batuta do autoritário Sérgio Moro, um magistrado disposto a pisar na lei para alcançar certos objetivos, indiferente aos balizamentos legais.

Os fins justificam os meios. Sendo assim, viva a Lava Jato e dane-se a democracia.

A ilusão na proposta desses justiceiros será sempre desiludida pelo irônico desabafo de Millôr Fernandes diante da realidade brasileira: “Estou cansado de sentar à mesa com corruptos para atacar a corrupção.”

Saturnino Braga, ou simplesmente Saturnino, naturalmente entra neste relato como contraponto importante. É um dos poucos homens públicos honestos e sinceros em contraste com aquela multidão de suspeitos. Foi deputado federal, senador da República pelo Rio de Janeiro, prefeito carioca e vereador na capital.

Em nenhum desses postos enfiou as mãos no erário. E olhe que estamos diante de um cidadão com atividades políticas e administrativas para além de cinquenta anos. Sempre honestamente. Com essa disposição e essa coragem desafiou a cautela dos anjos. Isso mesmo.

Em qualquer recanto democrático deste velho e corrompido mundo tais entes espirituais nunca transitam pelos caminhos da política. Evitam os riscos de contaminação. Saturnino, um homem de fé espiritual muito própria, desafiou a cautela dos querubins e não cedeu. É um caso exemplar.

Depois de cinco décadas, ou mais, ele deixou a vida pública sem sinais de queimadura ou sequer sair chamuscado. Nunca drenou o dinheiro público para causas próprias. Nem por isso, entretanto, invoca a sua ilibada conduta ao falar da política, da qual tanto gosta.

Esse político lidou bem com a política. Conhece dela as virtudes e os vícios. E a entende, além de outras razões, a partir da distinção proposta por Max Weber entre a ética da convicção e a ética de resultados: “Na política, é dominante a exigência de resultados em termos da satisfação e da felicidade da sociedade, e o juízo da coletividade admite muitos desvios em relação aos ditames da ética, se necessários forem para a consecução desses resultados”, sustenta Saturnino Braga.

Assim descreve o desabrochar das sementes da corrupção absorvida, reproduzida e multiplicada muito facilmente em terras brasileiras. Sutil, sutil. Essa desvirtuação, no entanto, não é o maior dos nossos males. Deve ser combatida. Pode ser contida. Nunca, porém, extirpada.

Estimulada pela competição, a corrupção está inserida no contexto das sociedades capitalistas – em algumas mais, em outras menos. Não é, no entanto, o principal problema do Brasil. Aliás, não é o foco de país algum. Muito pior do que ela, por exemplo, é o monopólio da informação, capaz

de bloquear o debate e reduzir tudo ao pensamento único. Assim o pensamento desigual fica restrito, condenado a caminhar à margem do jogo imposto pelos limites e os interesses da mídia.

Pouco depois de entrar na vida política, em 1966, Saturnino enfrentou o problema. Deputado estreante, ele foi empurrado, pelos velhos líderes, para a incômoda condição de presidente da CPI da Globo/Time-Life – uma picardia comum no Congresso. Não percebeu todas as razões pelas quais ninguém queria assumir a tarefa. Pagou caro. O desconhecido parlamentar projetou-se. Não se arrepende. Tem sido boicotado pelos veículos do império criado por Roberto Marinho. É uma denúncia que faz, comprova, e não pode ser excluída das páginas negras, ou marrons, da mídia brasileira.

Cada vitória eleitoral de Saturnino Braga, porém, significou igualmente uma derrota do “poderoso sistema Globo”. Ele se rejubila por isso.

No início dos anos 1980, Ulysses Guimarães esteve no Rio de Janeiro para lançar a candidatura de Saturnino Braga ao governo do estado. Foi uma grande manifestação política. Saturnino conta que *O Globo* “deu metade da segunda página” para registrar a presença de Ulysses, mas o nome dele, o candidato a governador, não mereceu uma linha.

Isso seria risível se não fosse lamentável.

Ao acompanharmos os muitos caminhos que Saturnino percorreu, entre os quais estão algumas angústias pessoais, são destacáveis as razões de outros bloqueios e ataques do jornalismo conservador a um político progres-

sista. Ele sempre afirma e reafirma sua convicção e assim se explica: “Ser estatizante e ser sonhador são duas das principais características de um político de esquerda.”

Partidariamente, foi por onde sempre andou. Lá pelas tantas, ele escreve: “Sou brasileiro e gosto do Brasil.” O texto soa como um brado nacionalista. É o que ele é. Saturnino não se conforma com a dominação do Brasil, sob o jugo norte-americano.

Este livro é uma grande lição sem as amarras da didática. O autor escreve o que pensa e o que sente, sem se incomodar com opiniões discordantes e sem incorporar a arrogância. Por isso não impõe. Propõe.

Saturnino Braga é marcado por invejável serenidade política. Ele, porém, não sufoca a coragem.